A História da África Negra revisitada

Júlio Mendes Lopes

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/1246>

DOI: 10.4000/ras.1246

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 199-202

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Júlio Mendes Lopes, « A História da África Negra revisitada », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 7 | 2011, posto online no dia 13 outubro 2016, consultado no dia 23 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/1246> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.1246>

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 setembro 2020.

© SASO

A História da África Negra revisitada¹

Júlio Mendes Lopes

REFERÊNCIA

Boubakar N. Keita (2009). História da África Negra. Síntese de História Política e de Civilizações, Luanda: Texto Editora

- 1 O Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) de Luanda acolhe hoje a cerimónia de apresentação da obra do Prof. Boubakar Keita, História da África Negra, que surge na esteira dos mais conceituados investigadores sobre a problemática africana.
- 2 Esta obra, dividida em duas partes, abarca a evolução do continente desde a pré-história até às vésperas da expansão europeia do séc. XV. Nas suas trezentas páginas, o Prof. Keita deteve-se nos aspectos que explicam a singularidade histórica de África enquanto berço indiscutível da humanidade. Sobre esta temática, sistematizou as origens e a evolução do homem concentrando-se em três grandes regiões em África, em que se realizou o processo de hominização com maior coerência: o desfiladeiro de Oldoway na Tanzânia, o vale do rio Omo e Melka Kontouré, na Etiópia.
- 3 Quanto à Antiguidade, o Egipto faraónico é aqui tratado com pormenor e enfatiza o facto de ter lançado as bases do primeiro Estado organizado do mundo, que manteve relações com os seus vizinhos – a Núbia e o Aksum.
- 4 Sobre o Egipto faraónico, o livro traz informações de extrema importância. Foi o país que albergou milhares de conceituados pensadores gregos e romanos na Antiguidade, que receberam ensinamentos nos diversos domínios, como a filosofia, a medicina, matemática, astronomia, metalurgia, geometria, física e agronomia, entre outros. Não se esquece de enfatizar o ambiente que permitiu o surgimento da primeira universidade do mundo (Al Azhar). Alguns autores europeus reconhecem a importância histórica do Egipto e lamentam o facto de se o estar a negligenciar nos manuais de História, onde se valorizam mais a Grécia e Roma. O historiador francês Christian Jacq

[1999: 12] refere-se a esse aspecto de maneira seguinte: “A ideia feita de que o Egipto é uma civilização pré-filosófica, enquanto a Grécia e Roma foram as primeiras culturas capazes de ‘pensar’ e de ‘fazer a ciência’, é uma das premissas mais falsas que possam existir. É muito lamentável que o Egipto ocupe um lugar restrito no processo educativo quando tem um papel fundamental no nosso espírito como na nossa memória mais profunda”.

- 5 Para dar cobertura a essas constatações, Boubakar Keita detém-se com profundidade em mais de 50 páginas da obra focando aspectos fundamentais como as três grandes fases da História egípcia (O Império Antigo, Médio e Novo) e sem perder de vista o seu imenso património e as causas do seu declínio.
- 6 Nas diferentes linhas da obra, verifica-se que o autor está nos trilhos de Cheikh Anta Diop (1923--1986) [1980: 68] que, nas obras que nos deixou, defendia que “a Antiguidade egípcia é, para a cultura africana, o que é a Antiguidade greco-romana para a cultura ocidental”. Sem desprimor para outros Estados, Boubakar Keita chama à atenção para a importância da Núbia ou Kush, com os seus dois principais centros urbanos (Napata e Meróe), cujo papel histórico na Antiguidade foi de vínculo real entre a África Central ou a África dos Grandes Lagos e da bacia do rio Congo – importante ponto de encontro de povos e culturas, e o mundo mediterrânico, ou ainda, entre o Sara e o deserto da Arábia, passando pelas costas do Mar Vermelho (p. 129 e seg.).
- 7 A segunda parte trata da chamada África Medieval e rebate o conceito de Idade Média quando aplicado ao continente. Remete-nos para a necessidade de rever a periodização clássica da história da humanidade. A obra revela ainda a imponência e a magnitude de Estados como o Gana, Sosso, Mali, Songhay, Kanem-Bornu, os Estados-haussa e o Zimbabué, desintegrados pela nova ordem mundial iniciada no séc. XV. Ao percorrer as páginas deste livro, percebe-se facilmente o imenso património deixado. Nesse particular, são abundantes as informações sobre o comércio transhariano e as cidades que cresceram em face disso, como Teghaza, Walata, Kumbi Salé, Mpoti, Gao, Djenné e Tlemence, o surgimento da primeira Universidade da África Negra (Tumbuktu), a chegada dos africanos à América antes de Cristóvão Colombo, cujo feito pertence a Aboubakar-II, imperador do Mali. Nas suas duas tentativas (1310 e 1311), a primeira expedição marítima fracassou e a segunda chegou a América.
- 8 Esta obra remete-nos ainda para uma reflexão sobre a necessidade da reestruturação dos programas de história em todos os níveis de ensino.
- 9 A introdução do ensino da história de África na escola secundária permitirá que os jovens compreendam como evoluiu o continente, os seus problemas e esperanças e que sejam capazes de considerá-lo na sua totalidade.
- 10 Esse desejo foi manifestado pelo então director-geral da UNESCO, Amadou Mathar Mbow [1980], quando prefaciou os oito volumes da História Geral de África. Era seu desejo ver a história de África ser amplamente divulgada em várias línguas e servisse para elaborar livros infantis, manuais escolares e programas de rádio e de televisão. Estava convicto que desta maneira jovens, escolares, universitários e adultos, de África e de outras partes do mundo, dispusessem de uma visão mais correcta do passado do continente africano e dos factores que o explicam, assim como uma compreensão mais justa do seu património cultural e da sua contribuição para o progresso geral da humanidade.

- 11 Passados mais de vinte anos da publicação de tão importante obra, os livros infantis, estes manuais escolares e programas de rádio e de televisão ainda estão por se concretizar. As reformas dos programas de história ainda apresentam falhas gritantes no domínio da história de África.
- 12 A importância do ensino da História de África foi reconhecida pelo eminente historiador norte-americano Philip Curtin [1980: 73], ao considerar que “para os africanos, o conhecimento do passado de suas próprias sociedades representa uma tomada de consciência indispensável ao estabelecimento da sua identidade em um mundo diverso e em mutação. Longe de ser considerada uma custosa fantasia, que pode ser posta de lado até que estejam sob controlo os elementos prioritários do desenvolvimento, a história da África revelou-se nos últimos decénios um elemento essencial do desenvolvimento africano”.
- 13 O mesmo autor considera ainda que “é por esta razão que, na África e em outros lugares, a primeira preocupação dos historiadores foi ultrapassar os vestígios da história colonial e reatar os laços com a experiência histórica dos povos africanos que a história enquanto tradição viva e desabrochar constante, do papel dos conhecimentos históricos na elaboração de novos sistemas de educação para servir à África independente”[Curtin 1980: 7].
- 14 Na realidade, as obras já consagradas de autores africanos como Joseph Ki-Zerbo, Cheikh Anta Diop, Elikia Mbokolo, Theophile Obenga, Ibrahima Baba Kaké e os oito volumes de História Geral de África são importantes instrumentos didáticos que oferecem uma visão geral das sociedades africanas no passado, quer no período antes da expansão europeia, em que há um desenvolvimento endógeno e independente, como para períodos posteriores caracterizados pelo longo período do tráfico transatlântico de escravos, o processo de ocupação efectiva, a colonização, a fase da conquista das independências e a gestão dos novos Estados.
- 15 Com algumas diferenças de conteúdo entre os autores citados, eles cobrem em muitos aspectos as necessidades mais prementes para formação dos jovens, na medida em que os finalistas dos institutos médios enveredam pela vida profissional activa e começam a manter relações de amizade e profissionais com jovens de outros países africanos.
- 16 As questões levantadas pelos clássicos da História de África sugerem uma apropriação por parte dos futuros professores, juristas, economistas, médicos e engenheiros, para que não se crie neles o espírito de inferioridade diante do ímpeto das sociedades ocidentais e dos seus valores culturais. Como bem sublinhava Ki-Zerbo [2002: 9], “para os africanos, trata-se da procura de uma identidade por meio da reunião dos elementos dispersos de uma memória colectiva. Este ardor subjectivo tem, ele próprio, o seu funcionamento objectivo no acesso à independência de numerosos países africanos”. Prossegue dizendo que “a história africana deve ser uma fonte de inspiração para as novas gerações, para os políticos, os poetas, os escritores, os homens de teatro, os músicos, os cientistas em todos os campos e também simplesmente para o homem da rua” [Ki-Zerbo 2002: 38].
- 17 O mesmo autor insistia reiteradamente que “o conhecimento da história africana deve ser olhado como uma parte integrante do desenvolvimento, mesmo económico. Para alguém se sentir empenhado na construção do futuro é preciso que se sinta herdeiro de um passado. Importa pois que o homem de Estado africano se interesse pela história como parte essencial do património nacional que ele deve gerir” [Ki-Zerbo 2002: 36].

Sugeria ainda que “a unidade africana pressupõe o conhecimento de toda a África por todos os africanos. Mas para isso é necessário que haja historiadores e bons historiadores africanos. Ora é impossível havê-los se, desde a escola primária e secundária, os jovens não têm nas mãos compêndios de história africana” [Ki-Zerbo 2002: 36].

- 18 Esta obra de Boubakar Keita vem coroar as mais de duas décadas de labuta docente e investigativa do autor que, durante estes anos, reparte entre o ISCED de Luanda e a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto. Está no prelo o II volume desta magnífica obra, para os alunos e estudantes do nosso país e não só.

BIBLIOGRAFIA

CURTIN, P.D., 1982: “Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história geral”, in *História Geral da África: I metodologia e pré-história da África*, São Paulo: Ática + UNESCO, pp. 73-89.

DIOP, Cheick Anta, 1980: “A Origem dos Antigos Egípcios”, in *História Geral da África: I metodologia e pré-história da África*, São Paulo: Ática + UNESCO, pp. 39-70.

JACQ, Christian, 1999: *Poder e Sabedoria no Egito Antigo*, Lisboa: Pergaminho.

KI-ZERBO, Joseph, 2002: *História da África Negra*, Lisboa: Publicações Europa-América.

MBOW, M. Amadou Mahtar, 1980: “Prefácio”, in *História Geral da África: I metodologia e pré-história da África*, São Paulo: Ática + UNESCO, pp. 9-14.

NOTAS

1. Apresentação do livro no Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda, no dia 14 de Outubro de 2009.

AUTOR

JÚLIO MENDES LOPES

Historiador. Mestre em Ensino de História de África, Assistente de História de África no Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda e no Instituto Superior João Paulo II da Universidade Católica de Angola. É autor dos livros *Olhar sobre África* (2009) e *Caminho-de-Ferro do Amboim* (2002).

juliolo2002@yahoo.com.br